
O Massacre de Suzano e a Cobertura Jornalística Nacional: uma Análise Baseada na Teoria da Espiral do Silêncio¹

Ana Cláudia Rodrigues BOTÃO²

Juan Alejandro Tasso SOUZA³

Marislei da Silveira RIBEIRO⁴

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

Resumo

O seguinte artigo têm como objetivo analisar 6 matérias jornalísticas referentes ao Massacre de Suzano ocorrido em 13 de março de 2019 em Suzano, São Paulo. Será usado o método de Análise do Discurso (ORLANDI, 2005) em paralelo com a Teoria da Espiral do Silêncio proposta por Noelle-Neuman (PENA, 2005). Para a análise foram colhidas matérias dos portais de notícias R7 e Folha de São Paulo referentes ao dia do massacre, meio da semana e final da semana. A Teoria da Espiral do Silêncio foi escolhida baseada na questão do isolamento social de indivíduos que não compactuam com a opinião e ideologia e como isso afetou a cobertura jornalística do massacre de Suzano.

Palavras-chave: Cobertura jornalística; espiral do silêncio; massacre de Suzano

Introdução

No dia 13 de março de 2019, o Brasil se deparava com notícias chocantes sobre um ataque terrorista. Era informado, até então, que dois adolescentes encapuzados entraram em na Escola Estadual Raul Brasil e abriram fogo. Informações sobre as motivações dos dois rapazes autores da chacina até então eram desconhecidos. Apenas nos dias seguintes ao massacre começaram a surgir especulações sobre o como e o

¹ Trabalho apresentado no IJ para o 20º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Porto Alegre - RS – 20 a 22/06/2019

² Graduanda em Jornalismo na Universidade Federal de Pelotas, e-mail: anxlouer@gmail.com

³ Graduando em Jornalismo na Universidade Federal de Pelotas, e-mail: juantasso7@gmail.com

⁴ Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas; Doutora em Comunicação pela FAMECOS PUCRS, e-mail: marislei.ribeiro@cead.ufpel.br

porquê da tragédia. Diversos veículos de comunicação dirigiram os seus olhares e atenção para uma parte da internet que não era muito conhecida até então: os fóruns anônimos. De lá saíram os dois garotos autores de uma das maiores tragédias de 2019. Com base nisso, o presente artigo tem como objetivo analisar o discurso da mídia referente a cobertura do Massacre de Suzano, em especial o Portal R7 e a Folha de São Paulo.

Diante disso, foi usado o método de Análise do Discurso de (Orlandi, 2005) cuja proposta é a criação de categorias para melhor compreensão discursiva do conteúdo. A Análise do Discurso é um campo de estudos focado na construção ideológica presente em um texto. Esse método não trabalha a língua enquanto um sistema empírico, mas considera a produção de sentidos. Para a análise foram estabelecidas as seguintes categorias: linguagem, ideologia e mídia audiovisual.

A Teoria da Espiral do Silêncio

A espiral do silêncio é um fenômeno que ocorre quando indivíduos omitem a sua opinião se esta for contrária à ideologia majoritária. Segundo Pena (2005, p.155) a espiral do silêncio é “a integração social através da observação da opinião dos outros.” A espiral do silêncio acaba por delimitar um comportamento que busca a adequação do indivíduo em grupos sociais. Quando não há essa delimitação, há o isolamento social pela opinião contrária à dominante

A Teoria da Espiral do Silêncio começou a ser desenvolvida pela pesquisadora alemã Elisabeth Noelle-Neuman em 1972. A primeira vez que a pesquisa foi mencionada publicamente foi no mesmo ano, no 20º Congresso Internacional de Psicologia⁵ realizado em Tóquio. Noelle-Neuman chamou a atenção para a efetividade da mídia como uma formadora de opiniões. A questão da mídia como uma potente formadora e influenciadora de opiniões começou a ser observada quando uma quantidade considerável de pesquisa de público referente à autoimagem germânica ao longo de 20 anos passou a ser negativa. A autora então, pesquisou os programas

⁵ International Congress of Psychology

televisivos da época e notou que 82 das menções ao caráter alemão encontrados, cerca de 63% eram negativas. Noelle-Neuman então concluiu que a influência midiática sob o receptor não deveria ser tão sutil. Foi concluído que, de acordo com a hipótese de *agenda setting*⁶, o efeito de acumulação⁷ explicaria a forte influência da mídia na auto imagem germânica na opinião pública.

Para melhor compreendermos a espiral do silêncio e como ela funciona devemos esclarecer brevemente o conceito de fonte primária. As fontes primárias são um meio de dar credibilidade a um determinado fato. É possível identificar esse comportamento quando o jornalista procura por fontes institucionalizadas para dar legitimidade à notícia.

A preferência pela opinião dos poderosos funciona, na verdade, como uma defesa para o jornalista. Ao colher depoimento que legitima a informação, ele se esconde atrás da palavra do outro. [...] Na hora do fechamento, o jornalista dará preferência a uma fonte que considere avalizada e não se arriscará a perder a reportagem ou reproduzir a opinião de quem não tem epíteto institucional à frente do nome. E essa fonte fornecerá as primeiras definições sobre o assunto. Ou seja, definidor primário. (PENA, 2005, p.154-155)

A lógica de fontes primárias, apesar de não ser absoluta no jornalismo, é a chave para entender a manutenção do *status quo*. Compreendendo a lógica do jornalismo e o uso de fontes primárias, poderemos entender como funciona a teoria da espiral do silêncio. Com o medo do isolamento social, as pessoas escondem suas opiniões contrárias à ideologia predominante, o que também ajuda a manter o *status quo*. A espiral do silêncio assimila a integração social por meio da observação da opinião de terceiros e a ocultação de opiniões próprias contrárias à maioria por medo do isolamento.

A espiral acontece quando um indivíduo acredita que a sua opinião terá uma boa recepção por terceiros. Ele conclui isso a partir de uma breve avaliação inconsciente do clima de opinião. Quando o clima de opinião não está a favor da opinião próprio do indivíduo, ele opta pelo silêncio. O fenômeno se perpetua sufocando as opiniões e

⁶ *Agenda setting* ou “agendamento defende a ideia que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos que são veiculados na imprensa.” (PENA, 2005, p. 142)

⁷ “Acumulação é a capacidade da mídia para criar e manter a relevância de um tema” (PENA, 2005, p.145)

ideologias contrárias à maioria. A pessoa conclui, inconscientemente, que seu ponto de vista não será bem recebido.

A quebra da espiral do silêncio acontece somente quando o indivíduo sente que a sua opinião faz parte da maioria, que pode ser ou não influenciado pela mídia. Os meios de comunicação priorizam a ideologia dominante, ajudando-a a se consolidar socialmente e a manter o status quo e o fenômeno da espiral do silêncio.

A teoria da espiral do silêncio trabalha com três fatores que ajudam a preservar a ideologia dominante, sendo eles: a acumulação, que é o excesso de exposição de determinados temas pela mídia; a consonância, que é a forma como as notícias produzidas são semelhantes; a ubiquidade, que é a onipresença da mídia. Juntos, esses três fatores determinam a opinião pública a respeito de pautas variadas e também ajudam a consolidar e silenciar opiniões.

Sites anônimos e isolamento social

No dia treze de março, uma escola pública tradicional da cidade de Suzano foi palco de um massacre que vitimou sete pessoas, entre alunos e funcionários. Dois adolescentes – ex alunos da escola, armados com pistolas e armas brancas – chegaram no local por volta das 9:40 da manhã e iniciaram o ataque. Quando foram encurralados por policiais, ambos se esconderam em um corredor. Um deles matou o colega e em seguida tirou a própria vida. Dez minutos antes do tiroteio começar, ambos tinham ido a um lava-jato onde um dos adolescentes trabalhava, e atiraram contra o tio de um deles, que teria descoberto o plano da dupla.

O caso é marcado pelo pânico e pela semelhança com o caso da escola de Realengo, no Rio de Janeiro, onde um homem matou doze alunos em 2011. E também com casos como o de Columbine em 1999 nos Estados Unidos. A semelhança não apenas no ato, mas no princípio filosófico dos assassinos. Todos estes compartilhavam de uma visão de mundo semelhante. Mesmo assim, a família nunca desconfiou que a dupla partilhava desse pensamento sobre o mundo, tampouco que, pelo menos, um deles participava de um fórum virtual anônimo escondido da “superfície” da internet chamado

de Dogola, um das centenas de *chans*⁸ que existem tanto na “superfície” como na *deep web*⁹.

Para compreender melhor o que levou os dois adolescentes a cometerem um dos maiores massacres escolares brasileiros, é preciso entender o que é e como funciona a cultura de *chans* e como uma bolha anônima e virtual está influenciando jovens e adultos no mundo todo a adotarem uma ideologia de ódio.

Imageboards tiveram sua origem com o Futaba Channel (2chan), criado em 2001 pelo japonês Hiroyuki Nishimura. Posteriormente, *imageboards* ficaram populares com a criação do 4chan pelo americano Christopher Poole em 2003 – o *chan* mais popular atualmente – que tinha como conteúdo discussões sobre animes e mangás. *Imageboards* anônimas costumam ser chamadas de redes anti-sociais por se tratarem de uma plataforma onde os usuários podem conversar sem correr risco de se identificarem, criando uma subcultura, onde eles mesmos se chamam de *anons*. Por se tratar de uma rede anônima, a natureza dos *chans* é fundamentalmente diferente de outros fóruns de discussões, como o Reddit. Piadas preconceituosas ou comentários politicamente incorretos são comuns, pois existe um senso de liberdade.

Chans como o 4chan costumam ter uma grande carga política que, juntamente com a vantagem do anonimato, pode desenvolver em atos de rebeldia. Diversos movimentos nasceram nos *chans*, sendo o mais popular deles o Anonymous. Em 2008, os Anonymous protestaram em frente a uma igreja da religião cientologia, e *hackers* que em 2010 coordenaram ataques *DDoS*¹⁰ nos sites PostFinance, EveryDNS, MasterCard, Visa, PayPal e MoneyBookers (BART, 2013) em protesto a favor do criador da Wikileaks, Julian Assange.

No Brasil, o primeiro *chan* foi criado em 2006 e se chamava BRchan. Com o passar dos anos, outros *imageboards* entraram no cenário, como o 55chan, Dogolachan, Salmãochan e Xchan. Todos tinham como formato a mesma coisa que se encontra no

⁸ *Chans* são *imageboards*, fóruns virtuais anônimos onde qualquer usuário pode começar uma *thread* (tópico), com uma imagem e texto, seguida de respostas de outros usuários.

⁹ *Deep Web* corresponde a uma parte da internet que é apenas possível de ser acessada usando métodos específicos. É usada para várias coisas, como mercados ilegais, hospedagens de arquivos sigilosos ou apenas como uma rede anônima.

¹⁰ Um ataque *DDoS* é uma sobrecarga na leitura de banda do servidor que torna o serviço indisponível.

4chan: *imageboard* com várias *boards*¹¹ contendo assuntos diferentes e completamente anônimos.

A internet possui uma linguagem globalizada (GALLI, 2004), portanto é possível encontrar uma certa uniformidade no padrão de comportamento social, piadas internas e assuntos recorrentes nos *chans*. Se considerarmos que comportamento é moldado pela identidade social de um grupo (POSTMES, 2001), e que grupos anônimos com comportamento violento validam atos violentos (POSTMES, 2016), é possível chegar na conclusão que o mesmo discurso político e ideológico, agressivo e predominantemente de direita radical encontrado no 4chan é encontrado nos *chans* brasileiros.

De acordo com a teoria da espiral do silêncio, por medo de isolamento ou crítica, indivíduos tendem a esconder opiniões contrárias à ideologia da maioria, da qual mídia ajuda a perpetuar para manter o status quo. Progressivamente, esse comportamento gera o silêncio do sujeito, caracterizado pela espiral. A teoria, que estuda a relação de poder entre mídia, povo e opinião pública, pode ajudar a entender como jovens, com ideias e pensamentos diferentes da maioria, se aglomeram em espaços virtuais anônimos e radicais. Quando essas pessoas, com pensamentos isolados da maioria, são atraídas por grupos virtuais que validam seus pensamentos, e conseqüente se tornam radicais, pois “se todos estão fazendo, deve estar certo” (RAINIE, 2017), o problema começa.

A linguagem dos *chans* e a extremização

No dia 15 de março de 2019, um homem entrou armado em uma Mesquita em Christchurch, Nova Zelândia. O atirador reproduziu o massacre ao vivo no Facebook, vitimou 50 pessoas e feriu 49. Horas antes, o terrorista tinha publicado na *imageboard* do 8chan seu manifesto que explicava o motivo do ato e suas convicções políticas. O conteúdo do material é satírico, tem ideias de supremacia, anti-imigração e “retomada da Europa”, e foi feito propositalmente para confundir. Para um usuário de *chan*, a decodificação do material é fácil, pois nele havia piadas internas e dialetos que apenas

¹¹ Todos os grandes *chans* têm o que pode ser chamado de subfóruns, as *boards*.

anons estavam familiarizados. Nas *boards* do 8chan, muitos usuários comemoraram o ato e usam a imagem dele como martirização desde então.

No dia 7 de abril de 2011, um homem entrou armado na escola municipal Tasso da Silveira, no bairro Realengo do Rio de Janeiro. Matou doze pessoas e feriu treze. Quando interceptado pela polícia, se matou. Em sua carta de suicídio continha conteúdo religioso e passagens da bíblia e segundo sua irmã, ele passava o dia na internet e já tinha sofrido bullying na escola. Em vídeos recuperados pela polícia, o atirador se dizia motivado a cometer o crime por ódio a “pessoas cruéis, covardes, que se aproveitam da bondade, da inocência, da fraqueza de pessoas incapazes de se defenderem”. Segundo vítimas, ele focou nas meninas. Ele também tinha contato com Marcelo Valle, que foi condenado a 41 anos de prisão em maio de 2018 por terrorismo, racismo e divulgação de pedofilia. Na internet, Marcelo Valle era conhecido por Psytoré, criador do Dogolachan, o mesmo *chan* que, pelo menos um dos atiradores de Suzano usava.

Em julho de 2018, um homem atirou nas costas de uma mulher, que não o conhecia, ferindo-a. E quando encurralado pela polícia, se matou. O criminoso era um moderador do Dogolachan, onde horas antes publicou que iria se matar. Após responder a algumas respostas na publicação, saiu de casa com uma arma e cometeu o crime. Assim como o atirador de Realengo, ele virou mártir no *chan*, principalmente para os *incels*¹².

No Dogolachan – assim como no 4chan, 8chan e outros *chans* espalhados pelo mundo – se usa dialetos, piadas internas e referências que apenas *anons* acostumados com esse tipo de ambiente entende. E assim como a maioria dos *chans*, possui um padrão de linguagem globalizada (GALLI, 2004) que se materializa em publicações antissemitas, racistas, misóginas e politicamente de direita radical. Uma semana antes do massacre, uma publicação no Dogolachan, provavelmente de um dos criminosos, agradecia a todos na *board*. Confirmava também a realização do ato, com teor de heroísmo e tarefa a ser feita, usando de artifícios de dialetos internos que usuários do *site* entendem.

¹² *Incels* são homens isolados e anti sociais que vêm mulheres com a causa de seus problemas, e comumente usam *chans* para disseminar discurso de ódio (JAKI, 2018)

Fica explícita a relação entre isolamento social – fruto de um efeito de espiral do silêncio, de pessoas que possuem uma ideologia que não representam a maioria – com a extremização que acontece quando existe o contato com comunidades anônimas como os *chans*. Conseqüentemente, alguns indivíduos acabam por praticar atos que corroboram com o grupo. Por conta da natureza de martirização, a abordagem dos veículos de comunicação é um fator crítico. O delegado geral da Polícia Civil, em uma coletiva de imprensa sobre o andamento do caso de Suzano, disse que os dois adolescentes fizeram o que fizeram inspirados no caso do massacre de Columbine e que a intenção era ganhar notoriedade.

A abordagem da mídia

A análise de discurso de Orlandi leva em consideração a construção de sentidos. Não só uma análise pragmática do uso da língua, mas do discurso inserida nela e nas ferramentas midiáticas usadas. Trata-se de uma consideração do sentido simbólico do conteúdo (ORLANDI, 2005).

Para a análise foram escolhidas três reportagens do Portal R7 e três da Folha de São Paulo. Todas tiradas da internet. Serão apontados aspectos entre ambos veículos de jornalismo, linguagem, ideologia e mídia audiovisual. Também serão consideradas as informações sobre os autores do massacre.

Na quarta-feira, 13 de março, aproximadamente às 11 horas da manhã, o Portal R7 da Rede Record transmite ao vivo a sua cobertura do massacre. O foco principal da cobertura em formato de vídeo do R7 é a busca e resgate de vítimas. É anunciado o provável número de vítimas, mas a informação ainda não é oficial. Também é incerta a identidade dos atiradores. A informação confirmada até então é de que os dois atiradores entraram encapuzados e abriram fogo. Durante a cobertura, é confirmado então 8 mortos, mas o número de vítimas ainda não é claro. Na página onde está disponível a cobertura, há apenas uma breve nota explicando a tragédia. Há também uma tendência ao sensacionalismo com o uso de uma música eletrônica em um primeiro momento e imagens aéreas dramáticas. O repórter que narra a cena diz que a equipe de

reportagem têm em mãos imagens dos atiradores, que é muito forte e que estava sendo preparada para poderem mostrar.

A cobertura para a plataforma *web* da Folha de São Paulo do mesmo dia do acontecimento foi constantemente atualizada com novas informações por um período de 23 horas, sendo a última atualização tendo acontecido às 21 horas do dia seguinte ao massacre. A reportagem explicou toda a linha do tempo do caso, usando uma linguagem narrativa, desde o momento que um dos atiradores disparou contra seu tio, dez minutos antes de irem à escola, até o fim do ato. Usaram mapas explicativos e fotos das vítimas, além de relatos de professores e alunos durante o ocorrido. No fim da matéria, há referências sobre outros casos de atiradores em escolas no Brasil. A Folha publicou não só os nomes dos assassinos, como também fotos deles já mortos divulgados pela Polícia Militar. Decisão que ajuda a dupla a ter mais notoriedade no *chan* que usavam.

No dia 16 de março, três dias depois do caso de Suzano, o portal R7 optou por replicar uma reportagem de outro canal de notícias, a BBC Brasil. A reportagem trouxe especialistas sobre o tema e aponta logo de início um certo vínculo de padrão de comportamento entre o massacre de Nova Zelândia com o de Suzano. Como o fato dos criminosos serem jovens brancos com dificuldade social, e embora nunca tivessem cometido atos violentos, guardavam um rancor em relação a sociedade em que estavam inseridos. E que ambos tinham um certo apreço por armas, acesso à elas, e escolheram lugares que em um primeiro momento podem parecer aleatórios, mas tem grande significado simbólico. Embora a reportagem mencione uma subcultura que cultua o massacre de Columbine, não é citada pela reportagem a existência de fóruns anônimos, ou redes sociais anônimas, onde exista essa subcultura. Portanto, a culpabilidade do ato foi dada à cultura de tóxica masculinidade, e não há muito contexto de onde essa toxicidade pode ter tido início, ou porquê.

Ainda no dia 16, a Folha de São Paulo publicou uma matéria que explica que a equipe de reportagem monitorou fóruns na *deep web* desde o acontecimento de Suzano, mencionando a existência do Dogolachan e de *incels*. A Folha analisou a história do Dogolachan, passando por acontecimentos como a do homem que, em 2018, atirou na nuca de uma mulher após deixar mensagem de suicídio no *chan*, e do ataque virtual que

o mesmo *chan* realizou contra Jean Wyllys, que o fez sair do país. A reportagem também menciona Marcelo Valle e sua conexão com o autor do massacre de Realengo de 2011. Por último, o jornal trouxe um glossário contendo palavras como *deep web*, *chans*, *incels* e outros termos comumente usados por esse tipo de ambiente virtual. É importante notar, porém, que embora a reportagem deixe clara a natureza terrorista dos atos, e a convicção dos assassinos de se tornarem mártires, a Folha decidiu por colocar no corpo da matéria os nomes e fotos da dupla após terem cometido suicídio. Há um aviso de imagens fortes no início da galeria, assim como na reportagem do dia do massacre, porém parece contraditório abordar o tema de Suzano como sendo um ato de mártires e publicar informações da dupla que os fizeram virar mártires nos *chans*.

No dia 19 de março, seis dias depois do massacre de Suzano, a Folha de São Paulo publicou uma reportagem do dia em que alunos da escola Estadual Professor Raul Brasil, de Suzano, voltaram pela primeira vez ao local. O foco foi contar as histórias das vítimas e narrar os sentimentos dos alunos, pais e funcionários, dando nenhum destaque à identidade dos atiradores, ou seu planejamento prévio e como executaram. A Folha também publicou fotos do dia do retorno dos alunos no corpo da matéria. É mencionado também a existência de um terceiro jovem que seria um terceiro envolvido no planejamento do massacre. Se grupos anônimos com comportamentos violentos validam atos violentos (POSTMES, 2016), e *chans* possuem uma natureza mártir, reportagens com foco nas vítimas, além de respeitá-las, não dá a notoriedade que a dupla tanto queria.

A reportagem do dia 21 de março do portal R7, oito dias depois do massacre, abordou que a rede social de um dos assassinos de Suzano indicava um possível planejamento do ataque desde um ano antes do ato. A reportagem é uma reprodução do que o Balanço Geral da Record havia transmitido no mesmo dia na TV, e trouxe também como imagem de capa a foto de um dos assassinos, assim como seu nome. A abordagem desconsidera a natureza mártir da dupla.

Considerações finais

É possível relacionar o fenômeno da espiral do silêncio como uma provável motivação para a natureza dos ataques. Existe muita semelhança entre todos os autores dos atentados apontados: indivíduos isolados socialmente, que encontraram integração social em fóruns anônimos. A segurança do anonimato acaba tornando esses ambientes muito favoráveis para a circulação de ideologias extremistas. A questão do anonimato certamente se torna muito atraente para garotos, que assim como os autores do massacre de Suzano, necessitam de uma integração social.

Apesar das considerações sobre os fóruns anônimos serem oportunos para a extremização de garotos excluídos socialmente, a mídia não aborda este tipo de tema em suas pautas. De seis reportagens analisadas, apenas a reportagem publicada pela Folha de São Paulo no dia 16 de março explica o ambiente virtual que os dois autores do atentado participavam ativamente. Apesar de explicarem a natureza do Dogolachan, a matéria ignorou os fatores que podem ter levado esses garotos a procurarem fóruns anônimos.

É possível perceber um certo grau de consonância entre as reportagens analisadas. O discurso jornalístico sobre o massacre acaba indo para o lugar comum com as mesmas questões que observamos em notícias referentes à atentados terroristas. A tragédia, o pânico das vítimas e o luto das famílias ainda são lugar comum no discurso jornalístico. Ainda encontramos fotos das vítimas momentos depois da tragédia, nomes dos autores e pior ainda, audiovisual do ato. O jornalismo carece de uma humanização e compreensão a respeito da anatomia de um massacre.

Referências bibliográficas

BART, C. Networked Resistance: The Case of WikiLeaks. *Journal of Computer-Mediated Communication*. Volume 18, páginas 420–436. Julho de 2013.

GALLI, F; SCHMITZ, J. LINGUAGEM DA INTERNET: um meio de comunicação global. Janeiro de 2004.

JAKI, S.; et al. Online hatred of women in the Incels. me forum: Linguistic analysis and automatic detection. 2018.

HOHLDELFT, L. C. Espiral do Silêncio. *Revista Famecos*. Porto Alegre, n.5, v.8, 36-47, Julho 1998.

ORLANDI, E.. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

PENA, F. Teorias do Jornalismo. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

POSTMES, T; et al. Disputing deindividuation: Why negative group behaviours derive from group norms, not group immersion. Behavioral and Brain Sciences, 39, E161. Janeiro de 2016.

POSTMES, T; et al. Social influence in computer-mediated communication: The effects of anonymity on group behavior. Pers Soc Psychol Bull, páginas 1243-1254. Outubro de 2001.

RAINIE, L. ANDERSON, J. ALBRIGHT, J. The future of free speech, trolls, anonymity and fake news online. Washington, DC: Pew Research Center. Março de 2017.

Pais e familiares se desesperam por informações em escola de Suzano (SP). R7, São Paulo, 13 de mar. de 2019. Disponível em: <<https://recordtv.r7.com/hoje-em-dia/videos/pais-e-familiares-se-desesperam-por-informacoes-e-m-escola-de-suzano-sp-13032019>>. Acesso em 25 de mar. de 2019.

PADIN, Guilherme. Rede social de atirador de Suzano indica planejamento desde 2018. R7, São Paulo, 21 de mar. de 2019. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/rede-social-de-atirador-de-suzano-indica-planejamento-desde-2018-21032019>> Acesso em 25 de mar. de 2019.

Massacre em escola de Suzano: Padrão de atiradores envolve crise de masculinidade e fetiche por armas, dizem especialistas. R7, São Paulo, 16 de mar. de 2019. Disponível em <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/massacre-em-escola-de-suzano-padrao-de-atiradores-envolve-crise-de-masculinidade-e-fetiche-por-armas-dizem-especialistas-16032019>> Acesso em 25 de mar. de 2019.

Ex-alunos matam oito pessoas em ataque a escola em Suzano. Folha de São Paulo, São Paulo, 13 de mar. de 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/atiradores-matam-cinco-alunos-e-um-funcionario-em-escola-em-suzano-na-grande-sp.shtml>> Acesso em: 25 de mar. de 2019.

Fóruns na dark web incitam violência e mortes e desafiam polícia. Folha de São Paulo, São Paulo, 15 de mar. de 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/foruns-na-dark-web-incitam-violencia-e-mortes-e-desafiam-policia.shtml>> Acesso em 27 de mar. de 2019.

Alunos voltam a escola de Suzano pela primeira vez após massacre. Folha de São Paulo, São Paulo, 19 de mar. de 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/alunos-voltam-a-escola-de-suzano-pela-primeira-vez-apos-massacre.shtml>> Acesso em 28 de mar. de 2019.